



# AVANTE!

## PROLETARIOS DE TODOS OS PAISES: UNIVOS!

Ano 1 — Numero 4  
Preço \$50

Orgão Central do Partido Comunista (S. P. da I. C.)

1 de Maio de 1931  
PORTUGAL

# TRABALHADORES!

Que o 1.º de Maio de 1931 seja um dia de luta enérgica, decidida, contra os inimigos do povo, contra a burguesia, contra a Ditadura fascista, que nos esmaga! Que ninguém trabalhe, que todos compareçam às manifestações promovidas pelo Partido Comunista, manifestando-se bem revolucionariamente contra o Capitalismo, contra o desemprego!

Perante os combates revolucionários que se avizinham em toda a Península Ibérica, mostremos a nossa vontade firme de lutar, de vencer rapidamente!

Que o 1.º de Maio de 1931 seja uma séria ameaça para a burguesia, para o CAPITALISMO!

Nas ruas, neste dia que é bem dos trabalhadores, gritemos todos os explorados, tão alto que todo o mundo nos ouça:

**Abaixo a Ditadura Militar!**

**Abaixo a Republica Burguesa!**

**Viva a Revolução Mundial Comunista!**

**Viva a Rússia Soviética!**

**Viva a próxima União das Repúblicas Soviéticas Ibéricas!**

Por uma Jornada Revolucionaria Activa

## O NOSSO DIA O NOSSO DEVER

De entre as datas com caracter de protesto proletariano, o dia 1.º de Maio, é de todas elas a que mais fundas raizes tem na história do proletariado.

Comemora-la pois, revolucionariamente bem entendido, é o dever de todo o proletário, consciente da hora politica que passa.

O Partido Comunista que jámais deixou de aparecer ás massas, neste dia, vem neste momento mais uma vez, gritar bem alto:

Ao Partido Comunista compete porem, muito mais que atrair a massa ao verdadeiro caminho revolucionario; compete-lhe também ilucida-la e dirigi-la. É ao que vem.

O 1.º de Maio que foi durante uma larga epoca, apenas um dia de rigosio operário, passou mercê da influencia das ideias anarquistas sobre os reformistas, a ser, a um tempo, um dia de rigosio e protesto proletariano. Mercê dessa mesma influencia e da consolidação do marxismo, os restos do aspecto festivo dessa data vão já no ocaso absoluto.

O anarquismo porem, que é ideologia inconsistente, amorfa, sem razão, identifica a nortear-lhe a rota, derivou por fraqueza própria, por medo, por comodismo, e voga hoje á tona das aguas reformistas. Seus processos de acção pratica equiparam-se, por mais que teoricamente as ideologias difiram. Uns como outros prudentissimos, uns como outros colaboracionistas.

O proletariado pode ver bem o que tem sido durante a ditadura os 1.ºs de Maio por parte dos anarquistas e reformistas. Observou-se o vergonhoso conselho ás massas para nessa data se manterem silenciosas, e a exclusiva realização das





sessões e conferências, *toleradas* pela autoridade opressora onde apenas se conta, à luz de história a origem do 1.º de Maio. A mais nada se abalancaram essas duas correntes ideológicas que se dizem revolucionárias. Apenas este ano, com o ambiente *quintinho*, e como parte integrante do *frete* tratado com os *Constitucionais*, os dirigentes anarquistas da C. G. T. vieram à rua, com um manifesto.

O Partido Comunista defende sempre e continua praticando uma acção absolutamente oposta. Para o nosso Partido, vanguarda da classe oprimida em regime capitalista, não há dias festivos, dias de exclusivo rigoroso proletário. Há dias de protesto e de luta. No lugar de trabalho, no lar ou na rua, não há lugar para alegrias, para pacíficas confraternizações, para *prudentes* abstinências. Quem tem fome, quem sofre uma vida inteira sob a mais negra opressão e miséria, só tem dias de revolta, porque uma perene revolta deve ser toda a sua vida.

As datas proletárias são pura e simplesmente treinos, ensaios de apuro, ensaios de luta, ensaios para a *Grande Data*; e para a classe trabalhadora que tem a pretensão, a necessidade e o dever, de conquistar o mundo, não é demais que se treine, algumas vezes, ano a conquistar suas ruas... por um dia; e áquelas operárias que *prudentemente* raciam perante este critério, agarrando-se à ideia de guardar boas oportunidades—dizemos que, para o proletariado sofredor, que sofre sempre, sem oportunidades, eternamente, não há boas nem más oportunidades para agir. Para todos nós, trabalhadores, todas as oportunidades são boas, desde que estejamos à altura da nossa missão revolucionária, e é precisamente nas piores que mais se impõe que não abrendemos a nossa acção revolucionária.

O 1.º de Maio pois, este ano como sempre, ou é uma data de marcante protesto proletário, ou a sua finalidade é falsada. Tal o nosso critério.

Há porém ainda um motivo, uma razão política especial, que impõe ao proletariado o dever de fazer este ano, do 1.º de Maio uma jornada digna.

De há muito, desde a consolidação da ditadura, que, os nossos opressores de ontem, impotentes para a vencerem pelas armas, põem na acção revolucionária do proletariado, as suas melhores esperanças.

Aquela mesma actividade, aqueles tantos gestos com que o proletariado tanto vez se manifestou, e que então, tão vis repressões lhes ditaram, são agora por eles desejados e classificados de *justas e humanas rebeliões*, e quando os factos observados não correspondem aos seus desejos, ei-los a apreçoar a nossa incapacidade revolucionária, a pôr em paralelo a nossa acção de ontem com a de hoje, insinuando que somos cobardes.

Os homens que em 28 de Maio, desacreditados pela sua incapacidade governativa e odiados pelo seu espírito de selta, deram margem a que a reacção implantasse a ditadura; os que em 7 de Fevereiro deixaram massacrar no Porto, por cobardia o punhado de lutadores que ali se rebelaram os homens que em Junho de 1928 por cobardia ainda, deixaram prender e deportar dezenas de correligionários revoltosos a quem não secundaram; os homens que de há 4 anos para cá, com as suas exaltações revolucionárias constantes, têm dado margem a tanta e tanta perseguição policial da ditadura; os homens que nem nas suas próprias datas políticas, vem à rua marcar o seu protesto, no proletariado confiando para lhes emprestar brilho; os homens que agora mesmo, estão cobardemente consentindo, na derrota dos seus correligionários nas Ilhas, não tem autoridade nem razão em tais afirmações.

O proletariado e o seu Partido Comunista que estão no seu posto, em guerra aberta à reacção governamental, sem colaborações nem contemporizações, o proletariado e o seu Partido Comunista, as únicas forças que tem surgido na rua gritando a sua rebeldia em greves e manifestações, devem mais uma vez, no 1.º de Maio provar que são afinal os únicos adversários sérios da ditadura opressora. O nosso Partido demonstrará que é o único organizado e que age com independência, o único que

ideologicamente baseado em princípios científicos, tem afinal, a simpatia e a confiança da massa trabalhadora.

O Partido Comunista, estará como sempre, nesse dia que é o nosso dia, no seu posto como é seu dever.

O proletariado que o siga, atento às suas palavras de ordem: **Coragem. Racião e Audácia. Concentração. Disciplina e Auto-defesa.**

## O trabalho Comunista entre os soldados e marinheiros

Um dos aspectos mais fracos do nosso trabalho é, sem dúvida alguma, o do trabalho entre soldados e marinheiros. Muito pouco temos feito neste sentido. É verdade que possuímos algumas células de soldados e marinheiros, mas muito poucas e estas mesmo sem uma noção clara do trabalho a realizar, tomando-o num aspecto conspiratório, maçacão, absolutamente impróprio da nossa mentalidade e das largas tarefas revolucionárias que a crise decisiva do sistema capitalista lança ao nosso caminho.

O trabalho de uma célula de soldados ou de marinheiros não é bem o de um grupo organizado de um centro conspiratório do sub-mundo. A luta nas unidades militares e navais deve e pode tomar-se de um modo geral, o carácter vasto, de classe, de massas que toma nas fábricas.

Não é por se gritar muito: revolução Social! revolução Social! entre os soldados e marinheiros, que se trabalha seriamente para a revolução social. Uma célula de soldados ou marinheiros se quer de facto tornar-se a cabeça dirigente do movimento de classe dos soldados ou marinheiros da sua unidade, precisa fazer um trabalho que os interesse a 100%. Necessita estudar as suas reclamações mais urgentes, a questão de má alimentação, dos prês diminutos, do serviço excessivo, da severidade dos castigos, das péssimas instalações etc., e lançar palavras de ordem concretas a este respeito; engrenar todos os membros operários e camponeses da sua unidade na luta por essas reclamações, e sobretudo conquistar, pela luta de dia a dia e pelo carácter cada vez mais vasto dessa luta, o direito de cidade para as suas condições delegadas. Precisa assegurar um contacto íntimo, permanente, constante com os operários das fábricas e empresas, importantes das proximidades, trocar praticamente o benefício do seu trabalho em prol da fraternização perante as lutas operárias, pelo benefício da experiência rica dos trabalhadores nas suas lutas diárias com o patronato, isto é, os soldados oferecerão a sua luta pela fraternização e pelo derroimento na unidade; os operários dar-lhe-ão a sua experiência, ensinamentos e solidariedade.

A luta na caserna não é senão o prolongamento da luta na oficina. De um bom trabalho desenvolvido nestes dois sectores depende a conquista da rua e dos elementos necessários para a insurreição. Os camaradas que dirigem o nosso trabalho entre os soldados e marinheiros devem ter em muita conta estes princípios essenciais.

Por outro lado as organizações partidárias, quer do partido, quer das juventudes não tem ligado a esta questão do trabalho entre os soldados e marinheiros toda a importância que ela merece.

As juventudes em especial precisam concentrar a sua atenção neste ponto. Nas épocas de recrutamento é preciso redobrar de actividade para criar comissões especiais para a propaganda entre os recrutas. As organizações do Partido devem prestar-lhe todo o seu concurso nesta tarefa. Cada Comunista, cada célula deve fixar sistematicamente as unidades mais próximas e organizar pacientemente a sua penetração no seio delas.

É preciso sobretudo que todos os nossos camaradas se convençam que não teremos condições para vencer enquanto não soubermos estender vastamente a luta de classes ao exército e à frota e liga-la intimamente à nossa luta pela conquista do poder, pela instauração de um governo de operários, camponeses, soldados e marinheiros.

MARTE



## O objectivo final da III Internacional é o comunismo mundial

A Internacional Comunista tem como fim a substituição da economia capitalista pelo sistema comunista mundial.

A sociedade comunista, preparada pela evolução histórica, constitui a única saída para a humanidade, pois só ela é capaz de destruir as contradições fundamentais do sistema capitalista, que ameaçam a humanidade com a ruína e a degradação.

A sociedade comunista suprime a divisão da sociedade em classes, isto é, paralelamente à anarquia da produção, suprime a exploração em todos os seus aspectos e formas e a opressão do homem pelo homem. Em lugar das classes, combatendo-se entre si, aparecem os membros de uma única associação trabalhadora. Pela primeira vez na história, a humanidade toma o seu destino nas suas próprias mãos. Em vez de destruir inumeráveis vidas humanas e incalculáveis riquezas em lutas entre classes e entre povos, a humanidade consagra toda a sua energia à luta com as forças da natureza, ao desenvolvimento e à elevação da sua própria potência colectiva.

Ao destruir a propriedade privada dos meios de produção, convertendo-o em propriedade colectiva, o sistema mundial do comunismo, substitui a força instintiva do mercado e a concorrência, o processo cego da produção social, pela organização consciente e sistemática da mesma, orientada no sentido de satisfazer as necessidades crescentes da sociedade. Ao mesmo tempo que a anarquia da produção e a concorrência, são destruídas as desastrosas crises e as guerras devastadoras. A depilação colossal das forças de produção e ao desenvolvimento febril da sociedade, opõe-se a disposição sistemática de todos os seus recursos materiais e o desenvolvimento económico sobre a base de desenvolvimento ilimitado, fácil e rápido das forças produtivas.

A abolição da propriedade privada e das classes suprime a exploração do homem pelo homem. O trabalho deixa de ser trabalho em benefício do inimigo de classe; de meio de existência que era antes, converte-se numa exigência vital de primeira ordem; desaparecem a pobreza, a desigualdade económica entre os homens, a miséria das classes escravizadas, a estreiteza da vida material em geral, a hierarquia característica da divisão do trabalho e, com ela, as contradições entre o trabalho intelectual e o trabalho manual. Desaparecem assim os órgãos de dominação de classe e, em primeiro lugar, o poder de Estado. Sendo este último a incarnação da dominação de classes, vai-se esfumando à medida que periclitam as classes. Com o Estado vão desaparecendo a pouco e pouco todas as normas de coacção.

A desaparição das classes, determina a supressão de todo o monopólio da instrução. A cultura torna-se acessível a todos e as ideologias de classes de ontem, não têm lugar à concepção científica materialista. Em tais condições a dominação, em todas as suas formas, dos homens sobre os homens é possível e abre-se então perspectivas vastíssimas para a selecção social e desenvolvimento harmonico de todas as aptidões humanas.

Ao crescimento das forças de produção não se opõe nenhum limite de carácter social. Nem a propriedade privada dos meios de produção, nem os cálculos interesseiros do lucro, nem a ignorância das massas artificialmente mantida, nem a sua pobreza dificultando o progresso técnico na sociedade capitalista nem as formidáveis despesas improdutivas, nada disto existe na sociedade comunista. A utilização apropriada das forças da natureza e das condições naturais da produção nas diferentes partes do mundo; a supressão do antagonismo entre a cidade e o campo, consequência do atraso sistemático da agricultura e do baixo nível da sua técnica; a união máxima da ciência e da técnica ao trabalho de investigação e a sua aplicação prática num terreno social, vastíssimo; a organização sistemática do próprio trabalho científico; a adopção dos mais perfeitos métodos de estatística e de regularização planeada da economia; as exigências sociais crescentes, potente motor interno de todo o sistema, tudo isto garante

o máximo de produtividade do trabalho social, e por sua vez, emancipa a energia humana para o progresso da ciência e da arte.

O desenvolvimento das forças produtivas da sociedade comunista mundial, ocasiona as condições necessárias para o fomento do bem estar geral e a redução máxima do tempo consagrado à produção material, e, por consequência, para um florescimento cultural sem precedentes na história humana. Esta nova cultura duma humanidade unida pela primeira vez, depois de haver abolido toda a classe de fronteiras entre os Estados, apoiase o á, contrariamente ao capitalismo, num sistema de relações claras e diafnas entre os homens. Desta forma, sepultará para sempre, a mística, a religião, os preconceitos e a superstição e impulsionará vigorosamente, sem encontrar obstáculos, o desenvolvimento dos conhecimentos científicos.

Essa fase superior, na qual a sociedade comunista se terá já desenvolvido sobre a sua própria base, em que a evolução humana sob todos os aspectos acrescentará em proporções enormes as forças sociais da produção, e em que a sociedade terá inscrito na sua bandeira: «de cada um segundo as suas forças e a cada um segundo as suas necessidades», essa fase, pressupõe, como condição histórica preliminar, um período inferior do seu desenvolvimento, o período socialista. Neste caso, a sociedade comunista que acabar de sair da sociedade capitalista, aparece coberta em todos os seus aspectos — económico, moral e científico — de manchas originárias da velha sociedade, em cujo seio nasceu.

As forças produtivas do socialismo, não têm alcançado ainda um desenvolvimento suficiente para efectuar a partilha dos produtos do trabalho, segundo as necessidades. A partilha efectiva segundo o trabalho. A divisão deste, isto é, a realização por concretos grupos humanos com funções de trabalho determinada, subsiste ainda. Em particular, não foi ainda abolido fundamentalmente o antagonismo entre o trabalho intelectual e o trabalho manual. Apesar da supressão das classes, persistem reminiscências da antiga divisão da sociedade em classes, e, consequentemente restos do poder estatal do proletariado, de coacção, de limite, subsistem, portanto, brechas de desigualdade que não poderão desaparecer. Continua em certo grau o antagonismo entre o campo e a cidade, porém, nenhuma força social defende esses restos da velha sociedade, os quais, chamados a um nível determinado de desenvolvimento das forças produtivas, desaparecerão à medida que a humanidade, liberta das cadeias do regime capitalista, submete com rapidez as forças naturais, se readena no espírito de comunismo e passa do socialismo ao comunismo completo.

## O Partido Comunista e a Situação

Muitas criaturas, santas criaturas, admiram-se que o nosso Partido não colabore activamente com todos os adversários da ditadura para a derrubar.

Derrubemos a ditadura primeiro — dizem eles — e depois com liberdade trataremos dos nossos assuntos.

Entre estas santas criaturas encontram-se bastantes camaradas sinceros cujo erro consiste em não se terem dado ainda ampla conta do carácter de classe do nosso Partido e de todo o movimento bolchevista.

O Partido Comunista é o partido, o único partido revolucionário da classe operária. O proletariado não tem nada a esperar dos homens da ditadura mas também nada tem a esperar dos liberais burgueses.

O carácter violento de repressão actual contra o movimento operário revolucionário, é a demonstração pratica de que o sistema capitalista entrou em agonia, atravessa a sua crise decisiva, já não é mais capaz de se sustentar, dentro de uma democracia vagamente pacifica. Com a ditadura militar ou com a mentira democrática burguesa o terror contra as massas organizações há-de

(Continua na 5.ª pagina)



# A reação capitalista e a revolução proletária em marcha

## ESPAÑHA

### A nova ditadura capitalista

Em 14 de Abril, na Espanha, o rei transmitiu os seus poderes a Alcalá Zamora, e a República implantou-se. Os republicanos e os socialistas que constituem o governo provisório põem mão à obra pela organização do novo regime e fazem esta primeira declaração:

«O governo inspirado pelo interesse público editou os decretos seguintes: 1.º criação dum governo provisório; 2.º criação dos ministérios; 3.º estatuto jurídico do novo regime; 4.º a amnistia; 5.º criação dum ministério das comunicações».

Quere dizer: o único acto que possa dizer-se revolucionário foi a amnistia. Mas esta não se estendeu a todos os presos; os comunistas encarcerados simplesmente beneficiaram duma *atenção de pena*, e se alguns viram a liberdade, foi porque as massas assaltaram as cadeias, trazendo-os para a rua. Realmente, dum governo que permite a saída, com todas as honras, ao rei e à família real; que permite a fuga para o estrangeiro dos monárquicos mais categorizados — não se pode esperar outra coisa.

Outro governo revolucionário, no seu lugar, teria prendido todos e passaria pelas armas os mais culpados.

A República espanhola não passa dum manobra da burguesia. A ditadura de Alfonso XIII concitava contra ele e contra a monarquia os ódios do povo; este, esfomeado em grande parte, morigerando nas fábricas e nos campos ao pé da miséria, levantou-se consequentemente contra a classe inimiga e estendeu os seus protestos. Parte da burguesia espanhola, a financeira e a industrial, tem desejado destruir a influência dos grandes proprietários dos campos, que lhe estorva os progressos, como etimologia com a efervescência revolucionária dos trabalhadores, estabelece — República, que será, o melhor instrumento de opressão do proletariado.

E, assim, as ditaduras monárquicas seguem-se agora as ditaduras republicano-socialistas.

No programa do governo não aparece uma palavra só que seja a respeito das reivindicações das massas laboristas. Não é de estranhar. No «estatuto provisório» da República aparece do peticionado que «o governo declara a propriedade privada garantida pela lei». Zamora declara que a República é «conservadora» e os jornais da situação escrevem que «a Democracia é o contraveneno do Comunismo».

Logo no dia seguinte ao da implantação da República a coligação republicano-socialista deu-se a conhecer. Em Sevilha é estabelecido o estado de guerra contra os camponeses que invadiram a cidade em camions trazendo bandeiras vermelhas e gritando: «Vivam os Soviets!». Em Barcelona, onde Maciá estabeleceu também o estado de guerra, a polícia faz três mortos e cem feridos entre os operários revolucionários. Em Huelva a guarda civil, ontem pela monarquia, hoje pela república, isto é, sempre pelo capitalismo, atira sobre a multidão que se manifesta, matando um operário e ferindo numerosas pessoas. Em Bilbao, onde um grupo numeroso de manifestantes assaltou a prisão, pondo todos os prisioneiros em liberdade, as autoridades anunciavam que manterão a ordem *custe o que custar*, e as patrulhas passeiam pelas ruas como no tempo de Alfonso. Em Malaga, a multidão, que fez distúrbios, assaltando um jornal capitalista, teve de fazer frente à força pública que carregou a tiro.

O governo provisório, em vez de mandar carregar para as direitas, poupa-as, trata-as com benevolência, e manda, *porque é preciso para manter a ordem*, carregar sobre as massas proletárias que se revoltam. Permitindo que Alfonso, o rei assassi-

no, organize a sua reentrada na Espanha, não consente, porém, que o proletariado caminhe para a Revolução, e desarma-o, como sucedeu em Sevilha.

No meio disto tudo, há a notar a colaboração dos socialistas com a República. Em todos os países a social-democracia define a sua posição dentro dos quadros do fascismo. No governo provisório têm o seu lugar, como ministros, um da Justiça, outro do trabalho, outro das Finanças, três secretários da Internacional Amarela: O Largo Caballero, Fernando de los Rios, e Indalecio Prieto, o primeiro dos quais é o presidente da União geral dos sindicatos. A Casa do Povo põe à disposição do governo homens armados para a manutenção da ordem e para a defesa do regime. Em todas as cidades da Espanha os socialistas e os chefes reformistas dão um exemplo cabal do que seja a colaboração das classes.

Não se ria no entanto a burguesia espanhola. Os operários e os camponeses de Espanha persistirão na luta até instaurarem a sua República soviética. Dirigidos pelo seu Partido Comunista, irão demonstrar todos os dias todas as cidades, e nos campos, por meio de grevos, por meio de manifestações e de ataques em massa contra os seus inimigos, que as suas intenções não se misturam com as dos socialistas nem com as dos anarcosindicalistas. Não de demonstrar quanto peza a sua função e que a ofensiva do capitalismo saberá responder com a lutovelocidade comunista.

Os trabalhadores portugueses ouviram os seus camaradas espanhóis a mais estreita solidariedade revolucionária, e, p.e., intermédio da seu Partido Comunista declaram que estão dispostos a lutar numa acção comum pela próxima União das Repúblicas Soviéticas Ibéricas.

## ITALIA

### Não obstante a ditadura férrea no Mussolini os operários italianos manifestam-se

O inferno criado por Mussolini e pela sua acção de assassinos e incendiários não tem sido suficiente para abater na Itália os protestos dos trabalhadores tanto das cidades como dos campos. Apesar das prisões em massa, apesar do ódio do reino, apesar de todas as medidas sanguinárias da Ditadura fascista, o proletariado italiano, com o seu Partido Comunista à frente, manifesta-se, quer nos lugares de trabalho, quer nas ruas em grandes movimentos de massa. A imprensa burguesa não diz, porque não convém. Mussolini e os seus servidores aproveitam nos quatro ventos que aqui na Itália é um paraíso e que as crises, principalmente a crise de trabalho, estão em vias de solução. Mostra. Na Itália há mais de um milhão de desempregados, a emigração para o estrangeiro está organizada legalmente, e todos os meses se lotam por mil as fáblicas das fábricas e de casas comerciais. Os salários sofrem diminuições enormes, as jornadas de trabalho vão além das 8 horas. Os explorados protestam, mas a polícia do Oice encarcerou, e um tribunal especial condena-os por sua vez aplicando-lhes penas que variam entre 10 anos e 1 ano de prisão. Ainda há dias, *pelo crime de se terem levantado contra o fascismo*, sete trabalhadores foram condenados em Roma, três dos quais em 4 anos de cadeia.

Amendrontado com o 1.º de Maio que se avizinha, o fascismo, para impedir que as manifestações se produzam neste na cidade milhares de trabalhadores de toda a Itália. Só em Turim, o número das prisões sobre a mais de 600.

Mas esta repressão não perturba as massas. Pelo contrário, incita-as a combaterem em frente. Numa fábrica textil de Turim, os operários não consentem a diminuição dos salários em 15%, e fazem a «grève branca», isto é, fixaram todos na fábrica.

Continua na página 6



## O PARTIDO COMUNISTA E A SITUAÇÃO

(Continuação da 3.ª página)

persistir, há-de aumentar ao passo e á medida que se tornarem mais agudas as contradições internas do mundo burguez.

A unica saída para a liberdade, para emancipação, é o esmagamento da dictadura militar e da pseudo-democracia burguesa e instauração de um governo de operarios, camponeses, soldados e marinheiros, o poder de maioria explorada.

O papel do nosso Partido não está portanto em estabelecer pactos com os politicos burgueses, tão carrascos para os operarios como os homens da dictadura.

Os trabalhadores não esquecem tão facilmente o vago fantasma, as deportações, os fusilamentos dos Olivares, e tantas outras infamias praticadas contra eles pelos que hoje, pela decima millenaria vez, se apresentam como rasgados partidarios da liberdade. . . deles.

O Partido como guarda avançada dos trabalhadores tambem não o esquece.

Não camaradas. O papel do Partido está em apetrechar o proletariado para a luta; em estender a luta de classes á caserna, em organizar os operarios contra os patrões; os soldados contra os officiaes e todos contra o sistema capitalista; em levar a luta de classes a uma etapa superior, até á insurreicção e á derrocada total do sistema capitalista; em habituar os explorados á confiança em si proprios e treina-los na condução da sua luta independente contra todos os exploradores civis ou fardados, da direita ou da esquerda.

Eis o papel claro, inteligente, honroso e revolucionario do Partido Comunista Portuguez, como guarda avançada das massas escravizadas pelo sistema capitalista.

RUBI

## Carta a um soldado

Tinhas 20 anos, arrancaram-te á lavoura. E' verdade que a terra não era tua. Abrias nela os sulcos que depois semeavas e por fim quando as loursas espigas já estavam sazonadas, agarravas da toice — simbolo da tua energia — e celavas as searas para que o teu senhor vendesse o trigo. Este em moeda e transformado em pão: da tua exigua jorna-valor arbitrio da tua *força de trabalho* — compravas esse pão, do qual tinhas sido o creador.

Como vês, eras bastante explorado, eras ignobilmente crucificado na cruz da miseria. Porem não bastava. Para que os teus irmãos de trabalho, não reparem nestas cousas que ora te digo, o teu amo e os seus colegas proprietarios, formando uma classe, a *classe capitulista*, precisam dum aparelho dominador, um aparelho de opressão moral e fisico. Dai a necessidade da releiçáo e do exercito.

E' assim que aos 20 anos és arrancado ao trabalho, e sendo como és, o unico braço da casa, vê lá á miseria que não irá lá pela tua arribuna! Á tua velha mãe e aos teus pequenos irmãos, vão faltar o pão, as azeitonas e a malga de caldo verde, com que ludiam a fome!

Que tem? O sr. prior nos sermões do domingo, não te pré-gou a necessidade de servir a *Patria*? Não te disse apontando nas imagens carregadas de ouro e pedrarias, que serás protegido pelos santos da *Santa Madre Igreja*?

Entras no quartel e o que succede? E's tratado como um animal, aprendes a manejar as armas, a respeitar com feticchismo os teus novos donos, que para isso se servem do terror. Ah! o teu papel é continuar a defender as *barras* do capitalismo. Cá fora dos muros do quartel, os teus irmãos não podem gritar a sua miseria, o seu desespero, o seu sofrimento. Lá estás

tu e os outros, aqueles que vieram de diversos destinos, dos campos, das fabricas, dos cercos de pesca, das officinas, etc. etiquetados, fardados, armados, prontos á primeira voz a fazer fogo, sobre os teus irmãos, os da tua classe, da *classe trabalhadora*.

A esse infame acto que praticas chacinando ferrozmente os teus camaradas, sentido quantas vezes a consciencia conde-nar-te, dá-se o nome de *disciplina*.

E' a disciplina caserneira, inconsciente e irracional. — Tudo isso está bem; dirás tu, mas que heide fazer? As cousas são assim. . .

E eu respondo-te:

— Revolta-te!

Mas revolta-te intelligentemente. Procura os teus companheiros de infortunio, faz-lhes vêr estas cousas tão simples e tão verdadeiras. Depois juntos organisem-se, formem um comité de soldados, e na sua vanguarda, uma célula de soldados que tomem a direcção da luta. E então começará a marcha dos escravos. Fomentem a desobediencia e a indisciplina. E' preciso destruir a todo o transe, a ordem burgueza, é preciso esmagar essa disciplina ferroz que nos manietta, que nos avilta, é preciso sair dessa passividade que faz dos soldados um rebanho obdiente, timido ante os officiaes, lacaios da burguesia e ferroz ante as multitudes indefesas.

Recusem-se a fazer fogo sobre os vossos camaradas. Aca-maradem com eles. Insubordinem-se e no decorrer da luta voltem as armas contra os vossos mandões.

Faz propaganda bolchevista na base.

Cada quartel, cada barco, cada unidade de guerra, deve gerar uma célula de soldados, uma célula de marinheiros.

Depois o rastilho. Com ele a revolta.

A antiga ordem de cousas, desaparece e dá lugar a uma nova ordem.

No seio da luta, elegem-se os sovjets de soldados.

São eles que desde esse momento tem na mão a força. São eles que conduzem e canalizam as grandes camadas de operarios nas fileiras do exercito. Os mandões de ontem, terão de actuar segundo as necessidades comuns, sendo a sua acção adstrita á tecnica. As espingardas, as metralhadoras, os canhões, estão voltados para outro lado, — para o sector capitalista e seus lacaios. A vontade é mais decidida. Bem alta, bem á vista dos escravos de ontem, a bandeira da revolta, tingida com o sangue dos martires da revolução! Bem alta a Bandeira Vermelha!

A nova ordem não admite tibezias. Ha que edificar uma nova sociedade. E' necessario um metodo tendo em vista as necessidades comuns, porque a propriedade privada passou a colectiva, porque então ha uma classe dominante — o proletariado — e uma classe dominada mas tentando reagir, o capitalismo. Contra este tem que se opór uma vontade consciente e colectiva.

A este acto de força, de vontade, de consciencia colectiva, chama-se *disciplina*.

E' a disciplina revolucionária.

UM OPERARIO BOLCHEVISTA

## A Greve dos Maritimos de Setubal

Encontram-se em greve os trabalhadores do mar, de Setubal, os quais orientados pela F. N. T. T. tem marcado uma verdadeira posição de revolucionarios, exigindo do patronato as reivindicações mais urgentes, tais como simplificação do contrato de matricula, descanso quinzenal de 48 horas e aumento de salários. Esta greve tem revestido um caracter de luta de classes tão violenta que tem chegado a haver colisões entre maritimos e a policia, que armada com carabinas tenta a tiro



dispersar os manifestantes. Os trabalhadores locais têm mostrado a sua solidariedade aos camaradas marítimos. Na luta encontram-se também os fogueiros e maquinistas que com o seu apoio têm feito com que o movimento não fracasse.

O Comité Local do Partido Comunista em Setúbal, lançou um manifesto à rua, denunciando a covardia dos dirigentes dos sindicatos que vinham deixando lutar os heróicos trabalhadores do mar, sem se aperceberem das tarefas que lhes competiam como dirigentes.

E' bom notar que alguns sindicatos são dirigidos por anarcosindicalista. O manifesto agradou imenso à massa marítima e trabalhadora em geral, provando-se mais uma vez que o Partido Comunista é a guarda avançada do proletariado.

Trabalhadores do mar de Setúbal!  
Fogueiros e maquinistas!  
Burguesia e autoridades fascistas governamentais de Setúbal!

O maior laço fascista da marinha, mancomunado com os infames e ladrões armadores conseguiu a prisão da Comissão de demarches, e de mais elementos, o que lhe valeu, receber uma bofetada dos trabalhadores, que teve que ir para o hospital. As camaradas ainda se encontram presos.

Mais uma vez! Trabalhadores do mar:  
Não retomem o trabalho sem que os vossos camaradas presos, sejam postos em liberdade! Firmes!

Viva a greve dos marítimos, fogueiros e maquinistas!  
Viva a Solidariedade operária!  
Setúbal-17-4-931

(Correspondente)

## A reacção capitalista

### ITALIA

Continuação da pagina 4

nos seus trabalhos. A policia interveio, um chefe fascista ameaçou-os de revolver em punho. Os operários resistem, e mesmo depois dos presos marcharem para a cadeia cantando o himno da «Internacional», dando vivas à União Soviética e ao Partido Comunista, e dando morras ao fascismo, à burguesia, e ao rei-palhaço. Também em Reggio d'Emilia uma centena de operários se manifestavam diante da Câmara Municipal, exigindo: «Pão ou trabalho» e cantando a «Internacional», tendo-se eclipsado todos os fascistas que estavam presentes.

### HUNGRIA

#### Pesadas condenações de militantes do Partido Comunista Húngaro

O tribunal de Budapest acaba de pronunciar a sua sentença no processo de dez comunistas, presos há um ano. Este processo — para diminuir a repressão que podia ter nas massas operário — foi tratado à porta-fechada, a própria sentença não foi publicada e os jornais foram proibidos de dar noticias sobre o caso. O camarada Crapo foi condenado em 10 anos de trabalhos forçados. Hazi em 4 anos, Harn em 2 anos e 4 meses.

#### Os Comunistas presos fazem a greve de fome

A ditadura fascista de Horthy-Bothlen desenvolve uma campanha de terror contra os operários revolucionários e contra o movimento comunista na Hungria. Os membros do Partido Comunista são horivelmente torturados nas masmorras da policia.

Os comunistas presos são tratados duma maneira atroz, sofrem todas as formas do terror e da humilhação. Para protestar contra

esta situação vários camaradas condenados a trabalhos forçados, entre eles Weinbergos em 24 anos, fizeram a greve de fome durante 8 dias, tendo sido em consequência condenados a frases penas disciplinares. Estas penas são de tal maneira horribles que ameaçam a vida dos nossos valentes camaradas, que se encontram agora no hospital, em perigo da vida.

O proletariado internacional deve elevar a sua voz de protesto contra os excessos burgueses da Hungria.

## Os acontecimentos da Madeira

Os deportados republicanos da Madeira sublevaram-se e estabeleceram uma junta revolucionaria que não reconhece o governo central.

A ditadura militar mandou imediatamente alguns barcos de guerra com o fim de meter os «revolucionarios» na ordem, mas até hoje ainda só conseguiu triunfar das sublevações dos Açores que praticamente não existiram. Em vista da sua impotência, a ditadura resolveu arrelhar alguns «barcos de pesca» que o senhor ministro da Marinha comandará na qualidade de almirante em chefe a bordo do navio de passageiros «Carvalho de Araújo» a ultima hora transformado em cruzador-auxiliar.

Com esta esquadra a victoria do governo parece facil. De resto aos sublevados da Madeira tem faltado o apoio dos seus companheiros da Metropole, o que deve influir no seu moral. Talvez os republicanos de cá, não tenham concordado com o primeiro acto da junta em cumprimentar o bispo do Funchal.

Os trabalhadores portugueses observam esta luta entre os varios sectores da burguesia. Observam simplesmente? A sua revolução tem um objectivo superior — é internacional — dirigida contra a sociedade capitalista. Os trabalhadores sabem muito bem — tem agora mesmo o exemplo da Espanha — que a Republica burguesa nada lhes dará a não ser as pranchadas e as cadeias da policia.

No proximo numero trataremos devidamente d'este assunto.

Se as crises provem a incapacidade da burguesia dirigir de futuro as forças produtivas modernas, a transformação dos grandes organismos de produção e de comunicação em sociedades por acções e em propriedades do Estado, mostra que a burguesia se tornou superflua. Todas as funções sociais dos capitalistas são hoje cumpridas por empregados assalariados. O papel social dos capitalistas limita-se a embolsar os lucros, a recontar coupons e a jogar na Balsa, onde se despejam mutuamente dos seus capitais.

Engels

Mais valia e diferença entre o preço pago pela força de trabalho e o aumento de valor que o trabalho dá ao produto.

A. Bernard

A pobreza nasce da propria super abundancia.

Foulier

Enquanto existir Estado não haverá liberdade; quando vier a liberdade, já não haverá Estado.

Lenine